

RESENHA

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir*. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. 376 p.

*Gladson Pereira da Cunha**

Nas palavras de José de Souza Martins, no prefácio da terceira edição desta obra, Antonio Gouvêa de Mendonça é considerado “o melhor erudito sobre a história do protestantismo no Brasil” (p. 21). Professor e pastor, filósofo e teólogo, Mendonça apresenta-se nesta com um colorido todo especial, que ao mesmo tempo lhe concede a capacidade de focar o seu tema como um perito da academia, com todos os instrumentos que lhe foram confiados, mas também como um perito da religião, a qual ele mesmo professava.

Falecido recentemente, a Edusp, a editora da Universidade de São Paulo, presenteou o leitor brasileiro com uma nova edição. Uma forma de homenagear seu ilustre professor, mas também apresentar ao grande público – uma vez que as edições anteriores estavam disponíveis em editoras protestantes, portanto de “gueto” – a obra magna de Mendonça. Ela é, antes de tudo, uma análise do processo de inserção do protestantismo no Brasil em meados do século XIX. Nela, Mendonça se dispõe a apresentar, além do contexto sócio-cultural de tal inserção, os pressupostos dogmáticos que direcionaram o protestantismo de missões em solo brasileiro. Tais pressupostos, conclui Mendonça, podem ser encontrados ainda de forma evidente no repertório hinográfico de tal protestantismo, sendo o seu referencial o famoso hinário *Salmos e Hinos*, o primeiro a ser organizado no Brasil.

Sua obra está dividida em três partes, divididas por sua vez em sete capítulos. A primeira parte denominada *A História*, é uma construção do cenário histórico preparado, no qual se deu a inserção do protestantismo missionário, trançando uma linha mestra desde o Brasil colônia até o estabelecimento e queda do Império, sendo esse o período tempo-espacial tra-

* Bacharel em Teologia e Mestrando em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

balhado por Mendonça, concentrando-se mais nesta última fase. No primeiro capítulo, Mendonça faz um apanhado da presença protestante no período acima indicado, chegando a afirmar que, apesar de várias investidas, “não houve mais protestantes no Brasil [de 1720] até a vinda da Família Real” (p. 41). De fato, a abertura dos portos às nações amigas é que permitirá a entrada de protestantes no Brasil.

Esta parte também é dedicada à construção paralela do elemento de inserção: o protestantismo de matizes ingleses. Um protestantismo que ele resume em três aspectos: pietista, arminiano e milenarista, impulsionado por aquilo que é chamado de o “*Destino Manifesto*” do povo americano de trazer o reino de Deus, por meio do “*American way of life*”. Mendonça demonstra um grupo meio bizarro, por que não dizer esquizofrênico, que queria a todo custo importar, juntamente com a religião, um modo de vida e uma cultura diferente daquela que existia em seu país. Além disso, as transformações sociais que poderiam ser feitas no Brasil com base no protestantismo foram barradas justamente pelo seu milenarismo, que “incompatibilizou a Igreja com qualquer atividade de melhoria social” (p. 103). Tal transformação social era de se esperar, uma vez que os países protestantes davam os seus primeiros passos rumo à industrialização, mas os olhos dos missionários já estavam no *celeste porvir*.

Na segunda parte de sua obra, denominada “*A Estratégia*”, Mendonça avalia aquilo que foram os primeiros instantes da nova religião em solo tupiniquim: como nos “descobridores e colonizadores”, os olhos dos primeiros missionários estavam focados na religião oficial do Império como fonte de oposição, no trabalho educacional como ponto-de-contato com os nativos e para aqueles grupos que se demonstrassem mais simpáticos à *nova doutrina*. Algo peculiar nesse trabalho é que até o quarto capítulo o autor se utiliza de documentos oficiais das igrejas, bem como obras de seus historiadores, que ele sempre faz questão de afirmar, muito empolgados em seus relatórios e com os avanços do protestantismo. A partir daí, porém, a tentativa de reconstrução contextual e ideológica de Mendonça se fará por meio de um livro de cânticos litúrgicos, o hinário, o qual confirmará sua tese acerca das características do protestantismo brasileiro de primeira geração: *pietista, arminiana e milenarista*. Embora, possa-se considerar um reducionismo de Mendonça analisar a teologia missionária implantada no Brasil por meio de um cancionário, é preciso dar-se conta, contudo, que a música cantada é reflexo emocional daquilo que foi racionalmente absorvido pela pregação dos missionários.

O quadro construído por Mendonça do homem pobre e rural do fim do século XIX e de sua religiosidade é tão vívida que é impossível, a um grupo de leitores que conviveram ou convivem em comunidades protestantes em zonas rurais – como é o caso do resenhista – não perceber uma continuidade ou similaridade na experiência religiosa de alguns. Com as

poucas opções de legitimação social e outras dificuldades impostas pela religião oficial, não é difícil de entender porque o protestantismo obteve sucesso em seus primeiros anos. Ainda mais porque a “*nova pregação*” apontava para um mundo melhor e *transcendente* a realidade sofrida nos sertões... apontava para o *celeste porvir!*

A terceira parte do livro, Mendonça confirma a tese do seu livro, demonstrando que cada um dos elementos da tríade acima apresentada, encontra-se presente no ideário popular protestante desde sua implantação, confirmada nos sermões de alguns ministros, mas acima de tudo nos hinos cantados naqueles instantes iniciais. Seus capítulos ganham um colorido ainda maior ao ser lido por protestantes ou pessoas que tenham algum contato com a hinologia desse grupo; porquanto as letras transcritas unidas às suas respectivas melodias transmitem a emoção implícita no hino na experiência religiosa do sertanejo do final do século XIX. O sentido fenomenológico que tomava o *crente* poder ser considerado como a libertação de suas agruras cotidianas, dos enfrentamentos com a realidade que era contrária, mas sempre avistando “o Santo país, pela fé na palavra de Deus. No celeste porvir! Com Jesus no celeste porvir!” (p. 245).

Aqui, creio eu, cabem algumas considerações. Primeiramente, embora faça algumas breves digressões, Mendonça, como mestre e pesquisador que era, conseguiu não divagar por elas, demonstrando objetividade temática. Tais digressões existem no texto como elemento ilustrativo da sua tese (p. 211). Outro detalhe que chama a atenção nessa obra é a quantidade de deixas que Mendonça abre a novas pesquisas. Essa é uma característica considerada positiva no meio acadêmico, uma vez que ela promove o desdobramento da temática inicial. Isso pode ser verificado quando ele propõe um estudo da presença protestante na elite dominante no mesmo período descrito pelo livro, por exemplo, a Sr^a Maria Antonia, que dá nome a uma rua próxima à Universidade Presbiteriana Mackenzie (p. 189).

Mais que uma descrição ou uma crítica, Mendonça avaliou o seu mundo e a sua própria religião, sem, contudo, ser-lhe infame, mas também sem ser, ele próprio, compassivo. A neutralidade do pesquisador diante do seu objeto, convenhamos, foi comedida, mas sem tornar-se parcial. Este livro é uma avaliação crítica do protestantismo que não destrói a religiosidade protestante, antes a chama para uma reflexão sobre si mesma, de cujos rumos fugiu dantes de alcançar o solo brasileiro. É reducionista qualquer visão do *protestantismo de missão e suas ramificações brasileiras*, sem levar com a máxima consideração este trabalho de Mendonça. Entendo que ele alcançou seu objetivo neste livro, lançando luz sobre esse tema (p. 363), às vezes restrito a poucos, mas também alcançou o seu *celeste porvir*.